

"TEMOS QUE INTENSI

— JOAQUIM CHISSANO

Moçambicanos, Moçambicanas:
Camaradas:

Chegamos ao fim do ano de 1974. Ano em que ocorreram factos da maior importância e projecção na história de Moçambique e na história de des-colonização de África. Factos construídos, realizados pelo querer e pela determinação do nosso Povo que, pelo alto preço do seu sangue, criou condições para o estabelecimento em Lourenço Marques do primeiro Governo Moçambicano.

Em 1974 comemoramos o 10.º aniversário do desencadeamento da luta armada revolucionária de libertação nacional.

Neste ano vimos cessar, com plena vitória do nosso Povo, sob a direcção da FRELIMO, esse longo processo que levou ao sacrifício de tantas vidas moçambicanas. Sacrifício útil, sacrifício com sentido.

Tínhamos para nós que 1974 seria um ano decisivo. Iniciamo-lo com o rigoroso cumprimento da palavra de ordem de «Ofensiva Generalizada em todas as frentes». E as frentes de combate que, como sempre consideramos, situam-se no plano político, no plano militar e no plano diplomático.

Pudemos por isso desenvolver e completar o trabalho de mobilização política e de consciencialização ideológica consolidando a unidade do povo moçambicano à luz da linha correcta da FRELIMO e em volta dos nossos supremos objectivos: a independência total e a extirpação na nossa sociedade, da exploração do homem pelo homem e de todos os vestígios do colonialismo e do imperialismo. Pudemos por isso abrir novas frentes na luta armada, numa avanço imparável que demonstrou a irreversibilidade do processo de libertação.

Pudemos por isso fazer reconhecer por todo o mundo a FRELIMO como a única, a legítima representante do Povo Moçambicano. O isolamento do regime colonialista e fascista de Portugal intensificou-se porque mais forte se torna a voz e a acção dos nossos aliados — que já não se contam apenas entre os países socialistas e no seio da Organização da Unidade Africana; já são também nossos aliados os partidos e organizações progressistas dos próprios países tradicionalmente aliados ao colonialismo e ao imperialismo.

O Povo Português, nosso aliado de sempre, impõe a sua recusa à guerra

colonial e incentiva outras formas de luta anti-fascista.

A acção dos elementos mais conscientes das Forças Armadas Portuguesas, identificados com os mais profundos desejos do Povo, liberta Portugal da longa ditadura fascista.

E o resultado de todas estas vitórias, que culminam num processo iniciado com a fundação da FRELIMO, em 1962, que surgem as conversações de Lusaca e os Acordos que dele resultaram.

O Governo de Transição dirigido pela FRELIMO é o derradeiro passo da transferência do Poder, do governo português, para o Povo Moçambicano, a quem ele sempre pertenceu.

A imperiosidade dessa transferência, imposta pela História e corolário do longo processo da luta armada revolucionária, foi recusada por um punhado de aventureiros racistas e colonialistas irredutíveis que acreditaram poder impedir a execução do compromisso solene assumido em Lusaca pelo Povo Moçambicano e pelo Povo Português.

A tentativa de sedição destes reaccionários, encorajada por promessas e trações daqueles, cujo orgulho não se rende à própria evidência dos factos, conduziu a um inútil e lamentável banho de sangue. Uma vez mais, a técnica dos nossos inimigos consistiu em tentar reduzir a nossa luta revolucionária às dimensões de uma guerra racial que sempre repudiamos.

Estabelecido o Governo de Transição mas ainda no rescaldo dos tristes acontecimentos de Setembro, vivemos numa segunda tentativa de suscitar controlo da situação se pudesse restabelecer, voltaram a verificar-se inúmeras perdas de vidas e deprações.

Estes factos não lograram porém comprometer o esforço de reconstrução nacional, cujos alicerces incumbem a este Governo de Transição lançar; não lograram abalar a confiança do Povo Moçambicano na FRELIMO.

Desde sempre dissemos — e praticamos: a FRELIMO não define o inimigo pela cor da pele; moçambicanos são todos aqueles que se sentem e agem como tais — isto é, que se identificam e realizam os interesses da maioria do nosso Povo. Não cabe portanto no nosso ideário qualquer consideração à origem étnica ou a crença religiosa.

A independência de Moçambique, o fortalecimento desta nação e o conso-



lidação da nossa linha política são factores da máxima relevância para o estabelecimento da paz e a criação de uma nova atmosfera política na África Austral. Assim o entendemos e assim entende a Comunidade Política Internacional, ao tributar o aplauso unânime e entusiástico à vitória da FRELIMO, que culminou com a formação do primeiro Governo do Povo em Moçambique.

1975 é o ano da Independência. Muito já se fez, ao longo do ano que termina e no tempo exigiu que ainda conta o nosso mandato, em termos de preparação para a declaração da independência. Muito há ainda a fazer e, sem dúvida, o ritmo dos trabalhos terá de se intensificar.

Temos de consolidar a Unidade, a unidade do Povo Moçambicano do

“FICAR A VIGILÂNCIA”

Rovuma ao Maputo. Foi essa a nossa principal arma no período da luta pela Independência, será agora o instrumento fundamental para a Reconstrução do País. E a unidade, tal como a entendemos não pode ser sapada pelo tribalismo, pelo regionalismo ou pelo racismo; não pode ser desviada por quaisquer falsas alianças, não pode ser solicitada para outros objectivos que não sejam aqueles em que se empenha a maioria do Povo Moçambicano. A unidade que nós concebemos e defendemos tem como cimento a correcta linha ideológica da FRELIMO, e contról-se no trabalho.

Temo-lo muitas vezes afirmado, o trabalho útil a Moçambique é aquele que reverte em benefício do Povo Moçambicano — e é assim entendido tanto por aqueles que comandam como por aqueles que executam. Pugnamos portanto por novas relações de trabalho onde todos sintam a imprescindibilidade de cada um. Bem sabemos que essas novas relações não poderão ser estabelecidas sem que se revejam as situações salariais por excesso ou por defeito desequilibradas. Tendemos na fase actual a fórmula «a cada um segundo o seu trabalho». Mas para não subverter essa fórmula devemos fazer tudo para que os conhecimentos de cada trabalhador aumentem, para que a iniciativa se liberte para que a mão é o cérebro se completem.

Temos também de intensificar a vigilância, para que as tentativas de destruição, tanto as que surgem no nosso meio como as que possam vir do exterior sejam sempre rechaçadas. Temos de estar vigilantes para neutralizar a reacção, para detectar as múltiplas fórmulas de sabotagem económica, para reconhecer, e corrigir as ideias e as atitudes colonialistas que persistem em muitos de nós.

A reestruturação do Partido, trabalho a que damos a nossa maior atenção, permitirá a popularização da linha política da FRELIMO nas largas massas para que elas estejam ideologicamente armadas na execução das palavras de ordem UNIDADE, TRABALHO, VIGILÂNCIA.

São muitas as dificuldades com que lutamos a nível de Governo, da Administração. São muitas as pressões que sofremos por parte daqueles que gostariam de ver todos os problemas solucionados no dia seguinte ao da nossa tomada do Poder.

A nossa economia enferma de mu-

tos vícios, debilitada por actuações de autêntico saque, é um corpo doente que precisa de ser cuidadosamente observado e tratado.

Estabelecemos já um plano de prioridades, que atendemos à medida das nossas possibilidades. Estamos já empenhados no estudo das soluções a médio e a longo prazo. Oportunamente serão anunciadas as medidas a adoptar para a reorientação da nossa economia através de planos de desenvolvimento que não podem ter outro objectivo que não seja o de servir essencialmente os interesses do Povo Moçambicano. Os planos de prioridade contemplam de modo particular os campos da Educação, da Saúde e da Habitação.

Internacionalmente, entendemo-nos parte indissolúvel da Comunidade de Nações da África Austral. O «sentido de fronteiras, que se revelou falso ao longo da nossa luta de libertação revela-se impraticável na fase de construção que agora vivemos.

O problema do Povo irmão de Zimbábue é também problema nosso, na medida em que desejamos ver estabelecida nesta zona de África a paz com o reconhecimento dos direitos dos povos. Damos o nosso caloroso apoio aos esforços recentemente desenvolvidos no sentido de uma solução pacífica e justa do problema rodesiano.

Muito desejaríamos que o ano de 1975 também trouxesse melhores indicações para a solução do problema da Namíbia, e que no seio da República da África do Sul se dessem passos mais positivos no sentido da modificação da doutrina do «apartheid», que sempre condenamos do modo mais resolutivo.

Parecem já em vias de resolução os problemas que impediam a abertura das negociações para a independência de Angola. No ano de 1975, veremos sem dúvida o desenvolvimento dos passos decisivos para a adopção de uma fórmula política aceitável para a realização dos objectivos do Povo Angolano.

Felicitemos vivamente a vitória dos nossos camaradas do MLSTP, e do

PAIGC pelo estabelecimento de Governos de Transição em São Tomé e Príncipe e em Cabo Verde respectivamente.

A vitória do povo moçambicano é um marco importante no avanço das forças progressistas que no mundo inteiro se contrapõem ao imperialismo, ao fascismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. Ao longo do processo de luta estiveram sempre ao nosso lado, através das mais variadas formas de apoio e solidariedade revolucionária os povos irmãos da África, dos países socialistas e as forças progressistas da Ásia, da América Latina e da Europa.

Desejamos a todos estes nossos aliados maiores sucessos no ano de 1975 nos esforços de construção dos seus países e na abnegada luta que continuam a travar pelo estabelecimento da paz e justiça.

Moçambicanas,
Moçambicanos,
Camaradas,

O inimigo comum ainda não está vencido. Várias frentes permanecem acesas. Povos continuam ainda a luta contra a dominação, contra a exploração.

Assumamos e honremos a nossa responsabilidade histórica em relação a esses nossos irmãos e companheiros. E para eles todos desejamos tal como desejamos para Moçambique que o ano de 1975 traga novos e maiores sucessos.

Desejamos uma maior e mais activa solidariedade e cooperação entre os Povos do Mundo.

Viva a Unidade do Povo Moçambicano!

Viva a FRELIMO!

Viva a Memória Inesquecível do Presidente Eduardo Chivambo Mondlane!

Viva o Presidente Samora Moisés Machel!

Viva a Unidade Africana!